



INTERNATIONAL SIGN SYSTEM: CAMINHOS PARA UMA INVESTIGAÇÃO LINGUÍSTICA

**ISABEL SOFIA CALVÁRIO CORREIA
JOANA CONDE E SOUSA
PEDRO BALAUŠ CUSTÓDIO**



**EDITORA
BORDÔ
GRENA**

**INTERNATIONAL SIGN SYSTEM:
CAMINHOS PARA UMA INVESTIGAÇÃO LINGUÍSTICA**

Comissão Editorial

Ma. Juliana Aparecida dos Santos Miranda

Ma. Marcelise Lima de Assis

Conselho Editorial

Dr. André Rezende Benatti (UEMS*)

Dra. Andréa Mascarenhas (UNEB*)

Dra. Ayanne Larissa Almeida de Souza (UEPB)

Dr. Fabiano Tadeu Grazioli (URI) (FAE*)

Fernando Miramontes Forattini (Doutorando/PUC-SP)

Dra. Yls Rabelo Câmara (USC, Espanha)

Me. Marcos dos Reis Batista (UNIFESSPA*)

Dr. Raimundo Expedito dos Santos Sousa (UFMG)

Ma. Suellen Cordovil da Silva (UNIFESSPA*)

Nathália Cristina Amorim Tamaio de Souza (Doutoranda/UNICAMP)

Dr. Washington Drummond (UNEB*)

Me. Sandro Adriano da Silva (UNESPAR*)

*Vínculo Institucional (docentes)

COLABORAÇÃO



esec

Politécnico de Coimbra

Núcleo de Investigação em
Educação, Formação e Intervenção

Isabel Sofia Calvário Correia

Joana Conde e Sousa

Pedro Balauus Custódio

**INTERNATIONAL SIGN SYSTEM:
CAMINHOS PARA UMA INVESTIGAÇÃO LINGUÍSTICA**



Catu, BA

2023

© 2023 by Editora Bordô-Grená
Copyright do Texto © 2023 Os autores
Copyright da Edição © 2023 Editora Bordô-Grená

TODOS OS DIREITOS GARANTIDOS. É PERMITIDO O DOWNLOAD DA OBRA, O COMPARTILHAMENTO E A REPRODUÇÃO DESDE QUE SEJAM ATRIBUÍDOS CRÉDITOS DAS AUTORAS E DOS AUTORES. NÃO É PERMITIDO ALTERÁ-LA DE NENHUMA FORMA OU UTILIZÁ-LA PARA FINS COMERCIAIS.

Editora Bordô-Grená
https://www.editorabordogrena.com
bordogrena@editorabordogrena.com

Projeto gráfico: Editora Bordô-Grená
Capa: Keila Lima de Assis
Edição: Editora Bordô-Grená
Revisão textual: Anderson de Almeida Santos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecário responsável: Roberto Gonçalves Freitas CRB-5/1549

I61

International sign system : [Recurso eletrônico]: caminhos para uma investigação linguística / Organizadores Isabel Sofia Calvário Correia; Joana Conde e Sousa; Pedro Balas Custódio: Bordô-Grená, 2023.
582kb, 40fls.

Livro eletrônico

Modo de acesso: Word Wide Web <www.editorabordogrena.com>

Incluem referências

ISBN: 978-65-80422-26-5 (e-book)

1. Linguística. 2. Gesto internacional. I. Título.

CDD 410

CDU 41

S U M Á R I O

PREFÁCIO	8
1. INTERNATIONAL SIGN SYSTEM: ORIGEM E PROPÓSITO DE USO	10
<i>1.1 Os Banquetes Parisienses</i>	10
<i>1.2 O Comité Internacional de Desportos para Surdos e a Federação Mundial de Surdos</i>	14
2. O QUE É O INTERNATIONAL SIGN SYSTEM?	18
3. INTERNATIONAL SIGN SYSTEM: A LÍNGUA FRANCA DA COMUNIDADE SURDA?	20
<i>3.1 Metodologia</i>	20
<i>3.2 Apresentação dos resultados</i>	21
<i>3.3 Discussão dos Resultados</i>	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
APÊNDICE 1	37
SOBRE OS AUTORES	38

PREFÁCIO

A leitura deste trabalho leva-me a felicitar os três autores deste opúsculo por terem a ousadia de produzirem ciência em torno do Gesto Internacional [International Sign System]. Ainda que saibamos que este sistema não é reconhecido como uma língua, importa legitimar o seu valor e a sua relevância em termos de acessibilidade comunicacional. Num universo de línguas diversas, é fulcral olharmos para o Gesto Internacional como meio de partilha e de comunicação entre diversas pessoas. Esta acessibilidade existe aquando de encontros e conferências internacionais permitindo que se possa usar este código linguístico – o Gesto Internacional – como meio de comunicação. É uma solução eficaz para todos aqueles que usam a sua língua visual para comunicar com um outro cuja língua se desconhece. Embora não seja uma língua franca, como é o Inglês, acredito que o Gesto Internacional chegará a um público ainda mais vasto, pois trata-se de uma comunicação visual. Esses exemplos são observáveis na Arte Surda. A beleza das diferentes formas de arte, tais como o *Visual Vernacular*, a poesia, o teatro, a música são enaltecidas ao serem concebidas em Gesto Internacional, pois os recursos visuais usados são facilmente transpostos e acolhidos pelo público. É na observação do que é o Gesto Internacional que conseguiremos avaliar não só o seu potencial, como assumir que é uma solução linguisticamente eficaz, não obstante o respeito pela língua nacional dos diferentes países.

A divulgação, não só deste trabalho de investigação, bem como do Gesto Internacional *per se* deverá estar presente no ensino superior, nas escolas, perto dos jovens e naturalmente dos adultos e seniores, por forma a ser aprendido e reconhecido como uma solução comunicacional. É de uma riqueza tal, que permite a utilizadores de diferentes faixas etárias entenderem o que outro diz sem limitações.

Desejo que a investigação neste âmbito tenha um caminho frutífero e que ao Gesto Internacional seja dado o lugar que lhe é merecido.

Pedro Costa

Presidente da Federação Portuguesa de Surdos

INTERNATIONAL SIGN SYSTEM: ORIGEM E PROPÓSITO DE USO

O International Sign System (ISS ou IS) é um sistema comunicacional que tem ganhado cada vez mais visibilidade em encontros internacionais de surdos e ouvintes. Esta ferramenta comunicacional permite que pessoas de várias línguas se possam entender com recurso, ou não, a um intérprete. Tem sido usado desde há muito tempo e começa-se agora a questionar o seu real estatuto, ou seja, é o IS uma língua, uma linguagem, ou um sistema? Será legítimo pretender a sua uniformização? Antes de refletirmos com detenção nestas questões, comecemos pela história.

Os Banquetes Parisienses

Talvez os Banquetes Parisienses (1834) tenham sido o primeiro encontro de Surdos ocidentais de forma organizada e talvez tenha nascido aqui o “Movimento Surdo”. Para melhor compreender a relação destes banquetes e do *International Sign* (IS) é importante dar a conhecer o mentor destes encontros. Ferdinand Berthier foi um professor surdo, no Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris (INSMP). A sua entrada nesta escola dá-se aos 8 anos de idade, em 1811.

À época, o INSMP era a escola onde as crianças surdas tinham acesso à educação formal, pois era neste instituto que aprendiam a ler, escrever e uma profissão. Aos 27 anos Ferdinand Berthier torna-se

professor desta escola. Ficou conhecido também como tendo sido o primeiro Surdo a escrever, “de forma organizada, coerente e com espírito científico sobre a História da Educação de Surdos.” (Carvalho, 2013 p. 128). O legado que Berthier deixou à Comunidade Surda e à História da Educação de Surdos é inestimável, tendo sido o líder da comunidade Surda parisiense, o que o levou a fundar a primeira associação de Surdos do mundo, “Sociedade Central de Educação e Assistência dos Surdos-Mudos”, em 1838 (Carvalho, 2013), cujo principal propósito era o de ajudar nos problemas dos trabalhadores surdos que estavam isolados e dispersos, bem como permitir que tivessem acesso a uma escola de adultos. Além disso, fez com que o Código Napoleônico fosse traduzido num francês acessível a Surdos, para que estes pudessem tomar conhecimento dos seus deveres e direitos enquanto cidadãos franceses.

Anos antes, em 1829, Berthier terá dado início ao “Movimento Surdo”, pois liderou a comunidade Surda parisiense contra a administração do INSMP, por esta querer afastar os professores Surdos da atividade letiva e dar primazia aos professores ouvintes no instituto. Sendo conhecido como um notável intelectual, Ferdinand Berthier encabeça uma comissão que viria a organizar o 1.º Banquete de Surdos, em 1834, a fim de comemorar e honrar o Abade de L'Épée na data do seu nascimento.

Inicia-se, assim, a tradição de se celebrar esta data com banquetes anuais, por forma a perpetuar a memória do maior defensor das pessoas Surdas de todos os tempos, ideia esta defendida por Berthier

(Rodríguez, García & Falquina, 2005). Os banquetes transformam-se em pontos de encontro da comunidade Surda, onde se debatiam práticas pedagógicas e educativas dos surdos, bem como se celebrava a língua de sinais. Os banquetes também serviam para divulgar expressões artísticas, nomeadamente “poesia em língua gestual, teatro, discursos, entre outras” (Carvalho, 2013, p. 130). Estes aconteciam uma vez por ano, aquando da data de nascimento do Abade de L'Épée, sendo que, ano após ano, se tornaram num evento de prestigiado interesse e frequentado por intelectuais da época. Contudo, também outros trabalhadores, como jardineiros, mecânicos e carpinteiros participavam neste evento (Rodríguez, García & Falquina, 2005). Rapidamente estes banquetes não serviam apenas parisienses, mas franceses e muitos outros educadores, artistas, intelectuais um pouco de toda a Europa, que viajavam até Paris por esta data, dando-se lugar a reuniões internacionais de pessoas surdas, no século XIX.

É no livro “Os Banquetes dos Surdos-mudos” (1850) de Ferdinand Berthier que o mesmo dá a conhecer os famosos festins referindo que “eruditos de todos os países têm estado à procura de uma linguagem universal e têm fracassado. Bem, essa língua existe e está por toda a parte, trata-se da língua de sinais.” (Rodríguez, García & Falquina, 2005, pp. 15), afirmando ainda que “nos banquetes reina uma absoluta igualdade: nesse contexto, os sinais são a única linguagem permitida. Os relatórios, as atas, a correspondência, os memorandos, tudo se expressa nessa língua, que as pessoas surdas de todo o mundo entendem perfeitamente.” (Rodríguez, García & Falquina, 2005, pp.

15). À luz destas afirmações, Berthier acreditou que a língua de sinais seria a língua de união de um povo, porém a língua de sinais francesa (LSF) não se tornou na 'língua universal', no entanto influenciou muitas línguas de sinais pelo mundo, uma vez que bastantes discípulos de L'Épée, e conseqüentemente de Berthier, levaram esta língua para fora de França, principalmente para Inglaterra, Estados Unidos da América e posteriormente para o Brasil. Talvez a LSF de oitocentos tivesse a hegemonia que a American Sign Language (ASL) dos nossos tempos parece revelar, e fosse usada como uma língua franca.

Numa primeira fase, as reuniões, conferências de surdos a nível nacional e internacional deram os seus primeiros passos, no mundo ocidental, nos anos 80 do século XIX. Estas conferências tinham como propósito debater a educação de surdos, na Europa e nos Estados Unidos da América, principalmente, embora com participantes vindos de toda a parte.

Os congressos realizavam-se numa altura em que a Europa se dividia entre dois métodos de ensino de surdos: método francês ou o método alemão. O Congresso de Milão, no ano de 1880, teve um impacto nefasto para a Educação de Surdos, para os próprios surdos e para as línguas de sinais, uma vez que o uso da língua foi oficialmente banido do ensino, da vida diária dos surdos, tendo ainda sido levado a cabo inúmeras resoluções que puniam o uso das línguas visuais e advogavam a aprendizagem pouco ortodoxa da oralidade (Carvalho, 2007; Rodriguez, García & Falquina, 2005). Pese embora a proibição do uso da língua de sinais, a verdade é que os surdos, dentro do espaço

escolar ou fora deste, continuavam a expressar-se na sua língua natural às escondidas, bem como continuavam a promover reuniões nacionais e internacionais sobre temáticas de interesse da comunidade surda: desde questões socioeconómicas, educacionais, laborais, entre outras, apesar das proibições existentes.

As línguas e as estratégias de comunicação não deixaram de existir, apenas se cristalizaram em espaços fechados, na altura, os possíveis “espaços surdos”, ou seja, a clandestinidade. Hoje em dia, felizmente, o conceito de *deaf space* obedece a critérios de respeito pela comunicação visual, possíveis através de soluções arquitetónicas como paredes de vidro, espaços de respeito pelas línguas visuais e comunicação acessível (Friedner & kusters, 2020).

O Comité Internacional de Desportos para Surdos e a Federação Mundial de Surdos

Os Jogos Internacionais Silenciosos tiveram a sua primeira edição em 1924, em Paris. Neste evento desportivo participaram 9 países europeus, tendo sido organizado por Eugène Rubens-Alcais, Surdo e presidente da Federação de Desporto para Surdos de França (ICSD, 2022). Os Jogos Internacionais Silenciosos tinham como propósito o de provar à sociedade maioritária que os surdos seriam igualmente capazes de se organizarem em equipas e participar em eventos de alta competição. Após este primeiro encontro desportivo, os líderes desportivos surdos fundaram *Le Comité International des Sports Silencieux*, conhecido como CISS. Recentemente, o CISS foi

renomeado para *Le Comité International des Sports des Sourds*, conhecido internacionalmente como *The International Committee of Sports for the Deaf*- ICSD (ICSD, 2022).

Ao longo dos anos, esta competição tornou-se num espaço onde os países puderam deliberar sobre as semelhanças e as diferenças do bem-estar dos atletas surdos. Ano após ano, os jogos foram transformando mentalidades na sociedade maioritária e contribuíram para uma maior consciencialização da possibilidade de existirem mais modalidades desportivas onde os surdos tivessem a oportunidade de competir. Pese embora a necessidade de lutar contra o preconceito para com a capacidade ou incapacidade dos surdos para o desempenho desportivo ao mais alto nível, os Jogos Surdolímpicos têm tido um papel importantíssimo nessa matéria, bem como têm conseguido fazer com que mais países participem no movimento Surdolímpico (ICSD, 2022).

Para chegar até aos nossos dias com o vigor conhecido, os desportistas surdos usariam um código linguístico, provavelmente composto por sinais icónicos ou de explanação mais fácil, que permitisse o diálogo entre todos. Infere-se que os surdos se iam encontrando fora dos seus países, pelo desporto, mas também, para abordarem diversos assuntos da sua comunidade, como a educação, a proibição do uso livre das línguas gestuais, entre outros.

Assim, em 1951, surgiu em Roma a proposta de um “Gestuno”, termo italiano que significa algo como “unidade de todos os gestos/línguas gestuais”. Esta ideia nasceu no Primeiro Congresso Mundial de Surdos, organizado pela Associação Nacional de Pessoas

Surdas de Itália (Ente Nazionale Sordimuti). A associação convidou associações nacionais de surdos de vários países do mundo. O Congresso decorreu entre os dias 19 e 23 de setembro, sendo que após estes dias de reflexão e de partilha, todos os participantes viram a necessidade de se juntarem numa só voz. Foi desta forma que nasceu a *WFD – World Federation of the Deaf* – Federação Mundial de Surdos, no dia 23 de setembro de 1951. Estiveram representantes de 25 associações de surdos, a nível mundial. Para registrar os termos deste sistema internacional, a WFD propõe em 1973 a criação de uma comissão que unificasse os gestos (*Commission of Unification of Signs*) usados neste código comunicacional (Rosenstock & Napier, p. 4). Mais tarde, em 1975, a Associação de Surdos Inglesa (British Deaf Association) propõe um glossário de termos do Gestuno:

In 1975, the British Deaf Association (BDA) published a book entitled *Gestuno: international sign Language of the Deaf* on behalf of the World Federation of the Deaf (WFD). This book contains photographs of approximately 1500 signs and represents an attempt at unifying the signed languages used by Deaf people. The signs shown in this book were selected by a committee that was set up by the WFD and that had one representative from each of the following countries: the United States, Great Britain, Russia, Denmark, and Italy. This committee relied on their own personal experience and knowledge as well as books of signs published in many countries. Their primary goal was to provide a quick and easy means of communication at international meetings of Deaf people. (Baker-Shenk & Cokely, 1991, p. 117)

A seleção assentaria na primazia de gestos “naturally spontaneous and easy signs in common use by deaf people of different countries” (Rosenstock & Napier, 2016, p. 4). Todavia, quando se

aplicou o Gestuno pela primeira vez, no Congresso da WFD que decorreu na Bulgária em 1976, os participantes surdos não compreendiam os termos usados. Por isso, quer o termo Gestuno, quer o livro, deixaram de fazer sentido e a convenção aí ensaiada desfez-se. O Gestuno deixou apenas alguma da sua marca no ICSD e em reuniões formais da WFD. Desta forma, hoje em dia usa-se um sistema menos formal que o que se idealizou, porém, a nosso ver, cada vez mais a caminho de uma convenção e de, talvez, um padrão possível num meio de comunicação que mescla o sinal e o signo linguístico.

O QUE É O INTERNATIONAL SIGN SYSTEM?

Na era moderna são muitas as formas de encontrar o *International Sign*, pois com a globalização e com a massificação das redes sociais e plataformas como o *Youtube*, facilmente se consegue aceder a produtos em IS.

Os encontros internacionais, interações e os vínculos que são estabelecidos pelos surdos nestes locais acabam por se tornar mais globalizados e regulares, tendo em conta a forma imediata com que se contacta entre pessoas de diferentes países (Friedner & Kusters, 2020). Assim, desde pelo menos, o século XIX, as pessoas Surdas de diversas nacionalidades acomodam as suas línguas visuais a um sistema que lhes permita ter uma comunicação fluída. O palco do IS é cada vez mais amplo, sendo usado em conferências mundiais e com direito a interpretação para línguas, visuais e orais, e também como sistema de chegada de uma interpretação, ou seja, de línguas orais ou visuais para IS.

Alguns linguistas que se dedicaram ao estudo do IS, como Suppalla & Webb (1995) verificaram que os marcadores da negação são consistentes, a concordância verbal e a ordem dos constituintes frásicos são estáveis, bem como o uso gramatical do espaço que, segundo os autores, se concretiza da mesma forma que numa língua visual. Além de outros estudos, McKee & Napier (2002) e Rosenstock (2004)

verificaram o uso de classificadores, advérbios, expressões não-manuais, léxico, entre outros.

No que concerne o léxico, as controvérsias tendem a surgir uma vez que alguns autores como Woll (1990) afirmam que ele provém da BSL. Outros defendem que se pode encontrar léxico de várias línguas de sinais orientais e ocidentais. Rosenstock (2004) e Whynot (2015) propõem que a terminologia venha da ASL, da Língua de Sinais Australiana e ainda do já antigo Gestuno.

Zeshan (2015) defende que estamos perante um cruzamento linguístico, *cross-signing*, afirmando que a estabilidade do sistema é discutível e que é possível ver traços comuns não só no IS, mas também em diversas línguas visuais; o IS apenas acentua este fenómeno.

Se atentarmos nas premissas de Hocket levadas a cabo nos anos 60, as línguas humanas devem obedecer a certas propriedades para que possam ser consideradas não apenas um sistema comunicacional, mas línguas efetivamente. As propriedades consideradas são a arbitrariedade, semantividade, distanciamento, unidades discretas, criatividade e recursividade, efemeridade; aquisição e transmissão geracional, bidirecionalidade comunicacional, metalinguagem, possibilidade de prevaricação, dupla articulação e especialização (Hocket, 1960). Excluimos desta lista, por ser datada, a premissa de que uma língua tem de ser oroauditiva. Os estudos de Stokoe (1960; 1965) contrariaram essa afirmação em época quase contemporânea à de Hocket. Para que possamos compreender se estas propriedades se podem aplicar ao IS, observemos uma produção neste sistema.

INTERNATIONAL SIGN SYSTEM: A LÍNGUA FRANCA DA COMUNIDADE SURDA?

A nosso ver, o IS não é um sistema linguístico natural, uma vez que não surgiu de forma espontânea, mas combinado por um grupo de pessoas e, sobretudo, porque não tem uma cultura que lhe seja intrínseca e o individualize face a outras, tal como acontece com as línguas gestuais naturais. Será o IS um “*melting pot* linguístico”, um cruzamento de línguas diversas? Terá a dominância da ASL como temos vindo a observar em encontros internacionais? E, atrevemo-nos, será ele a expressão de uma transcultura?

Metodologia

Para podermos apresentar as nossas hipóteses de resposta a estas questões pedimos a um informante Surdo, professor de LGP e de IS, mediador Surdo de IS, que se exprimisse nesse sistema. Não pedimos nada em concreto para não influenciar o sujeito. O vídeo recolhido pode ser consultado neste link: https://youtu.be/kt9-TKNd_v8

A tradução de autor encontra-se no Apêndice 1.

Abaixo, e após resumirmos o vídeo numa tradução livre para Português, vamos apresentar os recursos e processos linguísticos observados, procurando categorizá-los seguindo a proposta de Hockett (1960) acima ilustrada, complementada com o conhecimento que possuímos das propriedades formais das línguas visuais, nomeadamente, a materialização sintática, o recurso de verbos e sua

tipologia, entre outros. Serão anotadas e identificadas interferências linguísticas que, supomos, serão motivadas pelo sujeito que executa o vídeo. Apresentaremos os resultados que sumariamos em tabela, antes de os discutirmos.

Apresentação dos resultados

1. Datilologia: o informante executa o sinal de NOME da ASL e soletra o nome civil recorrendo ao alfabeto manual daquela língua. Note-se que este alfabeto possui semelhanças com a maioria dos alfabetos de outras línguas visuais, excetuando-se a LSP de que se afasta completamente.
2. Para apresentar o seu nome gestual, o informante recorre a uma formulação típica não adstrita a nenhuma língua visual em particular, mas facilmente identificável uma vez que funciona como sinónimo de língua visual ou nome gestual.
3. Segue-se a primeira frase em que usa um sinal da ASL correspondente a GOSTAR [LIKE] seguido do uso do sinal de MUITO, presente em diversas línguas de sinais, mas também na gestualidade corrente. O emissor executa ainda o sinal de EXPLICAR e o de NÃO.CONSEGUIR. Ambos fazem parte do léxico da ASL.
4. O emissor continua o seu discurso recorrendo a expressões faciais típicas da sua intenção comunicativa, ou seja, descrever algo difícil de explicar, mas que muito lhe agrada, ou seja, o facto de o país a que se refere ser tão bonito como indiscritível. Algumas das expressões usadas consistem em sorrir, olhar para cima, semicerrar os olhos e abanar a cabeça com sentido de “não ser possível verbalizar”. No decurso da frase usa os sinais BONITO, EXPLICAR (que encurta) CULTURA, PESSOAS. Os dois primeiros fazem parte do léxico da ASL, porém, o último, integra-se na LSP e em outras línguas visuais.

5. O emissor excuta o NOME GESTUAL do país GUINÉ-BISSAU convencionado para este sistema, o IS. Além disso, diz novamente NÃO.CONSEGUIR usando o mesmo vocábulo de frase anterior.
6. Por fim, usa o SINAL de TER.DE da ASL, e IR, este último comum a várias línguas de sinais e também passível de ser incluído na linguagem gestual.
7. Acrescenta-se que ao longo da sua produção, o informante oraliza alguns termos em Inglês, por exemplo, “name”, “culture” e “like”.

Discussão dos Resultados

Por esta brevíssima amostra, verifica-se que grande parte dos sinais usados pertencem à ASL. Além disso, o facto de o informante oralizar alguns termos em Inglês é interessante uma vez que se relaciona com a língua oral do país em que se usa a ASL, os Estados unidos. Este fenómeno é recorrente quando se usa o IS. O emissor recorre, também, à linguagem gestual para conferir entoação ao discurso e, muitas vezes, como substituto do discurso, nomeadamente para repetir e enfatizar a ideia de que “não há palavras para descrever o país”. Os sinais adstritos à LSP são escassos, o que nos leva a concluir que não há interferência linguística motivada pela L1 do sujeito.

Notamos que o recurso à mímica ou à linguagem gestual é escasso nesta brevíssima exposição. De facto, as expressões faciais ou prosódicas que ocorrem são passíveis de serem notadas em sistemas linguísticos como recurso prosódico e suprasegmental (Correia, 2009). Assim, esta parca amostra permite-nos refletir sobre, em primeiro lugar, o estatuto do IS.

Tal como já notado por Mesch (2010) ao publicar os resultados de questionário feito a 16 linguistas e especialistas em línguas visuais, não há consenso sobre o *status* do IS, sendo que é considerado como algo semelhante a uma língua, mas que não tem a componente da aquisição como L1, ou seja, ninguém adquire IS; assemelha-se a uma língua em contacto mas, curiosamente, não se considera *pidgin* (Mesch, 2010, p. 7),

IS can neither be called a pidgin nor a Creole. These definitions include detailed descriptions of structural features (pidgins tend to have a large vocabulary and a simplified grammar – the exact opposite of IS) and the natural transmission process (language acquisition in the case of Creoles).

Esta citação correspondente a uma das respostas obtida no questionário realizado por Mesch (2010) levanta questões interessantes, nomeadamente o facto de o IS ter uma gramática complexa. De facto, é notório, nesta brevíssima e simples exposição em IS efetuada pelo informante a existência de léxico; organização sintática, categorias diversas como verbos; nomes; advérbios; marcações morfológicas como a negação na forma verbal e, pelo nosso conhecimento do sistema, sabemos que há recurso a marcação de tempo, género e recurso a mecanismos de correferência tais como conjunções, de que são exemplos IF, como em ASL, ou BUT, como nesta mesma língua ou noutra.

O facto de se poder considerar um fenómeno de contacto entre línguas, levanta-nos algumas questões. De facto, como já tivemos oportunidade de experienciar, e como afirma Whynot (2015), muitas vezes há uso de sinais do país em que está a ser usado o IS, quer como

resultado de interferência do sujeito enunciador, quer pelo contacto dos outros participantes com a língua nacional, pelo seu conhecimento, como forma de cortesia para tornar a comunicação mais fluida.

Um exemplo claro deste respeito cultural é o uso do sinal LÍNGUA com a configuração L em vez do sinal LANGUAGE da ASL. A utilização do vocábulo da língua nacional para designar o nome do país e não o convencionalizado no IS é outro exemplo de acomodação e cortesia culturais. Todavia, o que se vê na nossa curta amostra é um amplo uso de léxico da ASL. Esta observação vai ao encontro do que também já notou Mesch (2010, p. 6):

I think that the IS lexicon draws on three different sources: 1. ASL as one of the main (lexifier) languages, 2. Ad hoc choice of whatever signs seem most iconic or is available at the time to the users in the conversation; they may come from any national sign language, 3. Signs made up on the fly during a conversation, which may not exist in any national sign language.

Esta citação resume o que temos observado em contextos de uso de IS e, também, o que se vê no vídeo em análise. O objetivo principal é comunicacional e o léxico dominante é o da ASL. Por este motivo, muitos investigadores e linguistas (Mesch, 2010) sugerem que se abandone o uso deste sistema e se utilize a ASL como língua franca, tal como acontece com o uso do Inglês pelos ouvintes. Contudo, outros (Mesch, 2010) argumentam que o IS usado a oriente é muito diferente daquele usado a ocidente, logo, deve-se fomentar a iconicidade e os recursos semióticos e não tanto o uso de signos linguísticos. Na realidade, algumas características das línguas de sinais orientais, como, por exemplo, a marcação de passado, é completamente distinta, ou até

hábitos culturais muito díspares podem dificultar a compreensão do IS. cremos que este argumento tem algumas fragilidades, uma vez que teremos de recordar para que foi criado o IS e em que contextos ele é usado.

No início deste opúsculo afirmámos que o IS foi criado para facilitar a comunicação em eventos, ou seja, com um fim específico e especializado. Aduzimos que já séculos antes poderia ter havido um sistema misto semelhante nos banquetes de Surdos mas, a nosso ver, aí sim seria o uso de sinais icónicos e estratégias mímicas e de contacto linguístico para tornar possível a comunicação. Mesch (2010) distinguiu já o uso de duas formas distintas de IS, ou seja, aquele que se utiliza para tornar a comunicação possível, com menos regras e com recursos a mais estratégias mímicas e em encontros informais, e outro com maior convencionalidade e utilizado em fins específicos como conferências, eventos, entre outros. Whynot (2015, pp. 35-36) detalha:

Expository IS is defined as group communications that take the form of uni-directional address by presenters and interpreters at global deaf conferences and meetings, aimed at communicating with a diverse SL-using audience rather than communicating with an established, mutually understood native sign language (NSL)

Assim, no primeiro caso estaríamos perante situações informais ou em que houvesse uma língua de sinais nacional dominada pela maioria, enquanto no IS expositivo, a maioria não tinha uma língua comum, sendo o sistema um facilitador para todos. Desta forma, para se entender o IS usado em conferências tem de se contactar com esta ferramenta, ou seja, ainda que a língua de sinais nacional se afaste em

termos de regras, construções ou padrões culturais, o emissor e o recetor têm de dominar aquele sistema para poder aceder à informação. Portanto, um participante asiático se não dominar o IS, terá mais dificuldades em compreender a mensagem, porém, um português que não o domine também as terá.

Ambos compreenderão a mensagem se houver contacto. Logo, contrariamente ao que é defendido por alguns dos respondentes às questões de Mesch (2010) que afirmam que o IS não deve ser ensinado pela sua instabilidade, cremos que é pertinente aprender IS, nomeadamente estratégias de comunicação e léxico proveniente da ASL, uma vez que este sistema é usado em contextos especializados e não no dia-a-dia. Terminemos esta argumentação com uma comparação com as línguas orais. Se viajarmos para Pequim a fim de participar num congresso internacional, seguramente a língua será o Inglês e todos nos entenderemos. Porém, se me deslocar a um mercado local, talvez tenha de recorrer a outras estratégias para me fazer entender. A nosso ver, com o IS a situação é semelhante. Estamos perante um código comunicacional, opaco, que temos de dominar para uso comunicacional. Além disso, este é um sistema muito usado em encontros especializados. Como terminologia, tal como eventos desportivos, científicos, entre outros, seria uma linguagem gestual, fortemente assente na mímica e na iconicidade suficiente? Na nossa perspetiva, a resposta é negativa. Prova disso são todas as línguas de sinais que têm vocabulário complexo, opaco, ainda que com etimologia

visual, fortemente enraizado na cultura visual da comunidade linguística.

O nosso informante recorre amplamente ao léxico da ASL; quer isto dizer que se deveria usar a ASL e abandonar o IS? A resposta a esta questão está longe de ser clara. Lembremos que este código foi criado antes da hegemonia da língua de sinais americana, em território europeu. O IS pode não ter uma cultura que o espelhe e que ele represente, mas tem história. A criação dos sinais-termo vingou, moldou-se às necessidades da comunidade e tem um uso tão evidente que, muitas vezes, chega a influenciar o léxico de línguas de sinais, abandonando-se um sinal em detrimento de outro que proveio desse meio de comunicação¹. Se um dia, o IS constituirá uma “variante” da ASL, só o tempo o poderá dizer.

¹ Tal fenómeno verifica-se na LSP em que alguns sinais como o de NORMAL; VELHO [idoso]; NASCER coexistem com os que se verificam no IS. Contudo, estes sinais a que nos referimos também fazem parte da ASL pelo que se torna difícil perceber qual a fonte do empréstimo/influência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta breve reflexão pretendeu dar a conhecer um sistema comunicacional cada vez mais usado em contexto internacional, o IS. Começámos por resumir a história da sua criação, partindo para uma pergunta que guiou a nossa investigação: o IS é uma língua? Para isso, tomámos dois caminhos, listámos as características do que se entende por uma língua e, em seguida, analisámos um breve vídeo em IS.

Com base, em primeiro lugar, nas premissas elencadas e, em segundo, no nosso vídeo analisado, propomos as seguintes reflexões, organizadas na tabela abaixo:

Propriedades de uma língua humana com base em Hockett (1960)	Propriedades observadas no IS com base na literatura e no vídeo analisado
Abertura a novo léxico/criatividade	Sim. Quanto mais se vai difundindo e especializando, o IS acolhe léxico de outras línguas de sinais ou léxico proposto pelos utilizadores e aceite, segundo o uso. No nosso vídeo, tal não se aplica.
Distanciamento	Sim, é possível falar de eventos passados/futuros ou imaginários usando o IS. No vídeo em análise percebe-se que o informante descreve uma experiência que viveu. Tal manifesta-se no uso de formas

	verbais como GOSTAR. NÃO CONSEGUIR EXPLICAR. e na sua expressão facial.
Intercambialidade	Sim. É possível haver um emissor e um recetor e troca de papéis comunicacionais.
Especialização	Sim. Os sinais usados têm fim comunicacional e social e não requerem energia ou esforço para a sua produção, adaptando-se ao aparelho visuomotor.
Semanticidade	Sim. Há campos de sentido em IS. Relatam-se estados, eventos e entidades.
Arbitrariedade	Os significantes são arbitrários e é necessário dominar o código.
Unidades discretas	Os sinais são formados por unidades menores que contrastam entre si.
Aquisição da língua e aporte geracional	Não se verifica. Não há cultura geracional em IS. O sistema é usado e partilhado por um grupo que o aprende por contacto e/ou por ensino formal.
Prevaricação	O IS pode ser mudado com fins lícitos ou ilícitos, ou seja, comunicar transmitindo informação de boa-fé ou ludibriar.

Carácter efémero	Sem registo vídeo ou via signwriting, os sinais são efémeros, existindo apenas durante ato comunicativo.
Dupla articulação	Unidades mínimas - os queremas - combinam-se e formam unidades maiores, os morfemas.
Metalinguagem	É possível usar o IS para falar sobre o IS.

Se considerarmos que todas as premissas têm de ter correspondência no sistema em análise, a resposta é, *a priori*, negativa uma vez que nem é uma língua que se adquire espontaneamente, nem é passada geracionalmente.

Convém, pois, e antes de apontarmos uma conclusão, que se observem algumas características da comunidade linguística que usa este sistema, a comunidade Surda. Os Surdos possuem identidade linguística e cultural, tal como outro indivíduo qualquer, ou seja, a pessoa Surda tem uma língua que exprime os seus pensamentos e que molda e é moldada por uma cultura.

Não é intento desta breve reflexão problematizar o conceito de cultura Surda, remetendo para outros autores que já o trataram como Ladd (2003) ou Amílcar Morais (2021). Todavia, retenhamos que há valores transnacionais que definem a cultura Surda e que ultrapassam a identificação com a cultura do país. Uma pessoa Surda da Dinamarca partilha valores culturais com uma outra da Arábia Saudita, por exemplo, ainda que as suas culturas locais sejam muito díspares.

Estamos a referir-nos a dois conceitos pertinentes nos estudos culturais surdos, ou seja, o *Deaf Same* e o *Deaf [small] World*:

“It’s a small world” is a phrase often used in such encounters by deaf people e who discover mutual connections, often over and across geographical distances and these encounters can be seen as deaf “small world”. Indeed, a shared experience of being deaf which we call “DEAF-SAME” created the conditions of possibility for these encounters (Friedner & Kusters, 2020, p. X).

Esta confluência de experiência faz com que a identidade surda seja pluricêntrica uma vez que estes indivíduos partilham valores comuns, como o orgulho na sua cultura linguística, a discriminação pela maioria ouvinte, as barreiras comunicacionais, entre outros. Estas temáticas plasmam-se também na partilha destas experiências entre gerações, através de um conceito cunhado por Carmel (1996), o *Deaflore*. As manifestações artísticas como a poesia, o *Visual Vernacular* (VV) plasmam em arte estas vivências e a forma de ser (se) surdo, o *Deaf way*, a maneira de ver o mundo através de uma língua visual.

Por esta brevíssima apresentação de conceitos complexos como os anteriores, poderemos entender que os surdos têm elos comuns que não se prendem com a cultura do país. Assim, será o IS parte desta “transcultura”?

Esta pergunta parece-nos difícil de responder e requer uma investigação apurada, nomeadamente através de questionários a surdos utilizadores deste sistema. O IS possui os recursos linguísticos necessários para a produção de narrativas, poemas e até VV, se bem que

este último vive muito da estética visual, da iconicidade e não somente de signos linguísticos. Todavia, representa o IS o sujeito surdo?

Verificámos no nosso vídeo que recorre muito a sinais da ASL, corroborando pesquisas anteriores e mais amplas citadas neste nosso trabalho (Rosenstock, 2004). Não será o IS apenas um sistema de comunicação que faz com que a comunidade surda, cada vez mais, suba aos palcos internacionais para partilhar as suas vivências?

Sabemos por experiência e contacto com a comunidade que os sinais são criados com base em interpretações culturais que dependem do local de onde provém a pessoa surda, da forma como um costume é vivido, da maneira como uma determinada geografia é percebida.

Assim, como poderia um sistema de comunicação que tem a base de uma Língua estruturada, a ASL, léxico de outras línguas, mímica e comunicação fluente e pouco estável ser uma língua, ou seja, um veículo de criação de pensamento, um sistema organizado e convencional? E, não o sendo, será algum dia preterido pela ASL?

A nosso ver, sendo o propósito do uso do IS o mesmo de há mais de um século, ou seja, quebrar barreiras de comunicação e permitir a expressão fluida entre pessoas que partilham línguas visuais, dificilmente uma língua, muito mais complexa e encorpada do que um sistema comunicacional, substituirá o IS.

O uso de léxico importado da ASL e, também de outras línguas, permite ao IS aumentar a semanticidade, representando conceitos abstratos, marcadores e conetores discursivos de forma económica.

Conseguir-se-ia falar de Kant só com recurso a elementos icónicos?
Cremos que não.

Mas utilizado o IS, tal como o conhecemos, supomos que sim. E é aqui que reside a sua magnitude. O IS prova a capacidade que o ser humano tem de desafiar Babel, unificando recursos para quebrar a maior das barreiras e a inacessibilidade linguística que quotidianamente os surdos enfrentam. Só uma comunidade fortemente discriminada e posta de lado pela não-comunicação poderia ter criado um sistema tão fluido e brilhante que permite a maior lição que este grupo minoritário pode deixar: a da possibilidade de todos nos entendermos e nos aproximarmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baker-Shenk & Cokely (1991). *American Sign Language. A Student's Text*. Washington D.C: Gallaudet University Press.
- Brevik, J-K.; Haualand, H. & Solvang, P. (2002). *Rome – a Temporary Deaf City!* Deaflympics 2001. Stein Rokkan Centre for Social Studies. Bergen: University Research Foundation.
- British Deaf Association. (1975). *Gestuno: International sign language of the Deaf*. British Deaf Association.
- Carmel, S. (1996). Deaf Folklore. In H. Brunvand (Ed.), *America Folklore. An Encyclopedia* (pp-452-456). Garland Publisher.
- Carvalho, P. (2013). *A Herança do Abade de L'Épée na Viragem do século XVIII para o século XIX*. The-factory.
- Carvalho, P. (2007). *Breve História dos Surdos – no Mundo e em Portugal*. Surd'Universo.
- Correia, I. (2009). O parâmetro expressão na Língua Gestual Portuguesa: unidade suprasegmental. *EXEDRA Revista Científica*, (1), 57-68. <http://exedra.esec.pt/docs/01/57-68.pdf>
- Friedner, M. & Kusters, A. (2020). *It's a Small World. International Deaf Spaces and Encounters*. Washington DC: Gallaudet University Press.
- Fundación CNSE para la Supresión de las Barreras de Comunicación. (2007). *A Handbook on International Sign/Manual de Signos Internacionales*. Fundación CNSE.
- Hockett, C. F. (1960). The Origin of Speech, *Scientific American* 203, 88–111 Reprinted in: Wang, William S-Y. (1982) *Human Communication: Language and Its Psychobiological Bases, Scientific American*, pp. 4–12.

- International Committee of Sports for the Deaf. (2022).
<http://www.ciss.org/icsd>
- Ladd, P. (2003). Understanding Deafhood: In *Search of Deaf Culture*. Multilingual Matters.
- McKee, R. L., & Napier, J. (2002). *Interpreting into international sign pidgin*: An analysis. *Sign language & linguistics*, 5(1), 27-54.
- Mesch, J. (2010). *Perspectives on the concept and definition of International Sign*. http://www.wfdeaf.org/wp-content/uploads/2012/03/Perspectives-on-the-Concept-and-Definition-of-IS_Mesch-FINAL.pdf
- Morais, A. (2021). *Surdidade*. Construção Social para a Comunidade Surda. Lisboa: Sítio do Livro.
- Rodriguez, A.; García, P. & Falquina, A. (2005). *Interpretación del Sistema de Signos Internacional*. Fundación CNSE.
- Rosenstock, R. & Napier, J. (Eds). (2016). *International Sign: Linguistic, Usage, and Status Issues*. Washington D.C: Gallaudet University Press.
- Rosenstock, R. (2004). *An investigation of international sign: Analyzing structure and comprehension* (Unpublished doctoral dissertation). Washington, DC: Gallaudet University.
- Stokoe, W. C. (1960). *Sign Language Structure: an Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf*, Studies in linguistics: Occasional papers (Nr. 8). Buffalo: Dept. of Anthropology and Linguistics, University of Buffalo.
- Supalla, T. & Webb, R. (1995). The grammar of international sign: A new look at pidgin languages. In K. Emmorey & J. S. Reilly (Eds.), *Language, Gesture, and Space: International Conference on Theoretical Issues in Sign Language Research* (pp. 333–352). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

- Whynot, L. A. (2015). *Assessing comprehension of international sign lectures: Linguistic and sociolinguistic factors* (Unpublished doctoral dissertation). Sydney: Macquarie University.
- Woll, B. (1990). International perspectives on sign language communication. *International Journal of Sign Linguistics*, 1(2), pp. 107–120.
- World Federation of the Deaf. (2016). <https://wfdeaf.org>
- Zeshan, U. (2015). Making meaning: Communication between sign language users without a shared language. *Cognitive Linguistics*, vol.26 (2), 211–260. <https://doi.org/10.1515/cog-2015-0011>

APÊNDICE 1

Tradução do vídeo produzido pelo informante surdo, que se encontra no seguinte link: https://youtu.be/kt9-TKNd_v8

“Olá! O meu nome é Amílcar e o meu nome gestual é este [LSP/LGP: PRETO+CARACÓIS].

Eu adorei... Não tenho palavras para explicar! Porquê? Porque eu fui à Guiné-Bissau e é um lugar tão bonito! É inexplicável! As pessoas, a cultura, tudo! Fico sem palavras para expressar. Para compreender o que sinto, só indo lá! A Guiné-Bissau é linda! É indiscritível!”

SOBRE OS AUTORES



Isabel Sofia Calvário Correia é Professora Adjunta de Nomeação Definitiva na Escola Superior de Educação do Politécnico de Coimbra. Coordenadora do Mestrado em Ensino de Língua Gestual Portuguesa na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra.

Investigadora Responsável da linha “Interpretação, Ensino e Investigação em Línguas de Sinais” afeta ao Núcleo de Investigação em Educação, Formação e Investigação da ESEC. Autora de livros e artigos científicos na área das línguas de sinais.

Joana Conde e Sousa é professora na Escola Superior de Educação do Politécnico de Coimbra na Licenciatura de Língua Gestual Portuguesa e no Mestrado de Ensino de Língua Gestual Portuguesa.

Licenciada em Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa pela Escola Superior de Educação de Setúbal; Mestre em Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos pela Universidade Católica Portuguesa e Especialista em Língua e Literatura Materna pelo Instituto Politécnico de Coimbra, Leiria e Setúbal.

Investigadora integrada da linha “Ensino, Tradução e Investigação em Línguas de Sinais” do Núcleo de Investigação em Educação, Formação e Intervenção da ESEC.

Intérprete de Língua Gestual Portuguesa e sócia fundadora da Associação Nacional de Interpretação - Língua Gestual.





Pedro Balau Custódio é licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Franceses na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1987); especializado em Ensino do Português pela mesma faculdade (1989) e Mestre em Literatura Portuguesa pela

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1992). Em 2004 doutorou-se em Didática da Literatura na Universidade de Coimbra.

É investigador integrado do Centro de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e membro do Núcleo de Investigação em Educação, Formação e Intervenção (NIEFI) da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra.

É Professor Coordenador com Agregação em estudos Literários pela Universidade de Aveiro e leciona Didática do Português e seminários de formação de professores nas áreas da Leitura, Educação Literária e Didática do Português.

As suas linhas de investigação convergem no ensino do texto literário, na educação literária a alunos surdos e ouvintes, no cânone literário escolar e no aproveitamento da intertextualidade como porta de entrada no mundo da literatura.

Tem pertencido a diferentes comissões científicas de eventos nacionais e internacionais no âmbito do ensino do Português e participado em dezenas de encontros e colóquios sobre os temas do ensino do Português e da Literatura.

Ao longo dos últimos anos tem sido revisor científico de Português para o 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico em várias editoras portuguesas.

